"Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza": um velho tema numa nova opção metodológica

GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ*

1 Considerações preliminares

O novo e o velho, apesar de serem considerados como conceitos antagônicos, não se distanciam nas experiências vivenciadas em diferentes momentos da história, seja nos grandes eventos consagrados pela tradição ou mesmo nas experiências cotidianas. O hoje existe como uma continuidade do ontem e o amanhã, muitas vezes idealizado tal qual uma negação do passado, nada mais é do que uma manifestação da dinâmica da história, sempre apoiada em uma contínua mutabilidade.

O tripé deste *continuum histórico*, emoldurado pela relação que não consegue afastar o passado do presente, mesmo quando se supervaloriza o amanhã, na expectativa de superar as frustrações enfrentadas, nem sempre é aceito de bom grado, pois a ânsia de superar os impasses sofridos alimenta o sonho de apagar as manchas negras do passado no enlevo de perspectivas novas, que possam ser a realização dos anseios surgidos. Nesse enlace que resiste às rupturas registradas e almeja dias melhores, percebe-se que o futuro não apenas "a Deus pertence," uma vez que se revela como um resultado do que se viveu em diferentes espaços sociais.

O confronto entre o idealizado e o realizado sempre atraiu a atenção dos estudiosos, em diferentes momentos da história, gerando conceitos reveladores na tentativa de ruptura com o passado, fruto do anseio de melhorias almejadas. Como exemplo desse comentário, observe-se o alcance do termo modernização, expresso através dos discursos e revelado nas

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

experiências, sempre configurado como um antônimo do que o precedeu. Modernização/Modernidade ou mesmo Pós-Modernidade são conceitos utilizados na tentativa de uma melhor compreensão dos constantes contrastes, sempre presentes ao longo das experiências humanas, mas que nem sempre traduzem, a contento, o sentido da pluralidade dos símbolos e das ações, que se revelam em cada momento da ação humana.

Tal assertiva se cristalizou ao longo dos diferentes períodos da história e essa relação nos remete ao complexo tripé, sempre presente nas análises históricas realizadas, onde o ontem, o hoje e o amanhã, apesar das propostas almejadas de romper com o passado, permanecem associados, por mais tênues que sejam os fios que os associam. Desse modo, "... o passado pesa tão severamente sobre o presente e o futuro, que esses dois últimos domínios do tempo raramente têm sentido sem ele."[1]

Os comentários, acima apresentados, almejam revelar o nexo que aproxima diferentes maneiras de escrever história, apesar das sólidas barreiras, moldadas nos discursos acadêmicos, que objetivam delimitar o antagonismo entre o legado positivista e "os novos temas e as novas abordagens" do conhecimento histórico.

Após a palestra que proferi, no Instituto do Ceará, a respeito do desenvolvimento do meu estágio de pós-doutorado, cujo projeto de pesquisa, baseado na metodologia da história oral e voltado à "micro-história"urbana, intitula-se "Seminário da Prainha: uma outra Fortaleza,"[2] ouvi um comentário de um dos seus membros, a respeito da profundidade de um trabalho de pesquisa sobre história urbana, que acabara de ler. Nele, o seu autor, um arquiteto baiano, demonstrava maturidade profissional, ao explorar a riqueza das fontes documentais, que conseguira selecionar. Mais importante do que novas propostas teórico-metodológicas se lhe afigurava a fidelidade aos documentos consultados.

Sem desmerecer o significado do trabalho referenciado, considero mais importante respeitar a diversidade de opções metodológicas, que pode ser demonstrada, sobre temas antes considerados inexpressivos.

---

[1] GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História*: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p.161 1

[2] O projeto foi desenvolvido com o apoio do CNPq, no período de 01.10.2006 a 01.10.2007, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, onde passamos dois meses, sob a orientação da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, uma das pesquisadoras pioneiras no estudo da história cultural, no Brasil.

Por isso, não foi apenas a escassez de documentos disponíveis que me levou a optar pela história oral, como metodologia básica da temática explorada. *A priori*, muitas são as razões, que podem ser apresentadas para desmerecer a validade de um estudo, embasado em depoimentos orais, como produção histórica, pois sempre se aponta uma exigência consagrada pela tradição: a necessária distância temporal entre o pesquisador e a temática escolhida. Entretanto, como nada é eterno na história e "tudo o que é sólido se desmancha no ar", o importante é fundamentar a proposta metodológica escolhida, revelando outras proposições de trabalho, que demonstrem a sua validade.

Como reforço à inovação metodológica adotada, é bom não esquecer que na antiguidade, as principais informações obtidas não advinham exclusivamente dos manuscritos disponíveis. O próprio "Pai da História", Heródoto, usou como fontes reveladoras das temáticas, por ele descritas, além dos poucos documentos disponíveis, os depoimentos e as tradições orais, na busca da almejada "verdade histórica". E ao longo da história, dos trovadores medievais aos narradores de épocas posteriores, a tradição oral propiciou a análise de diferentes temáticas, que permitiam uma melhor compreensão das experiências históricas.

Conforme nos esclarece o conhecido historiador Paul Thompson,

> O uso difundido da expressão "história oral" é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha um passado. Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história.[3]

A exposição, acima apresentada, não foi elaborada com o intuito de estabelecer fronteiras entre a produção historiográfica tradicional e os novos recursos metodológicos explorados, que demonstram o seu alcance com a produção proveniente dos cursos de pós-graduação em História, em diferentes universidades do país. O nosso propósito é apontar os laços que aproximam a velha tradição historiográfica das novas propostas de estudo e, para tanto, basta indicar a validade da narrativa como uma forma de melhor explicar as experiências históricas.

---

[3] Cf. THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 45.

2 História, memória e narrativa

Na busca de uma explicação dos temas selecionados, se a fronteira e a dinâmica da História e da Memória propiciam subsídios, que servem de pano de fundo à temática estudada, elas também podem se revelar como barreiras que impossibilitam a probabilidade de uma melhor compreensão do passado. O impasse surgido ou superado dependerá da disponibilidade do pesquisador em aceitar as transformações nas análises conceituais e nas práticas metodológicas, que possibilitem uma maneira nova de compreender a história.

A relação entre Memória e História me remete à própria formação profissional. Afinal, para quem se licenciou em História, no final dos anos sessenta, do século passado, a verdade histórica permanecia enraizada apenas nos documentos oficiais. Era preciso ir à cata de documentos inéditos, para tornar viável a apresentação de um trabalho original, missão reservada a poucos profissionais.

Por isso, o próprio trabalho semestral, que o aluno devia elaborar, para cada disciplina cursada, além das duas provas subjetivas, embora fosse idealizado como uma forma de despertar o senso analítico de cada aluno, dificilmente essa meta era atingida. O mais fácil era copiar textos dos livros disponíveis, condimentando o conteúdo do maior número das páginas escritas, com citações do autor ou dos autores consultados.

Tal modelo de produção acadêmica intitulava-se "Nota de Trabalho Individual", (N.T.I.), que na linguagem reveladora dos alunos era definido como "Nada Tinha Imaginado". A missão do aluno era reproduzir o que foi dito e pouco se produzia, pois o objetivo primordial dos cursos de História era preparar professores de História, "doadores de aulas", não pesquisadores, personagens raros no cotidiano das Faculdades de Filosofia.

Até mesmo os jornais, fonte valiosa para compreensão dos momentos históricos selecionados, ainda eram classificados, por diversos pesquisadores, como fontes suspeitas, pois demonstravam o conflito das subjetividades, apresentadas nas reportagens e nos seus editoriais ou artigos.

Por isso,

> As primeiras leituras que me levaram a perceber a referência entre *Memória e História*, deixaram-me confuso, uma vez que ambas eram consideradas importantes ao trabalho do historiador, na relação entre passado e presente, mas a cautela em referenciá-las, ou mesmo defini-las, é como se na verdade entre elas existisse uma fronteira explícita, que não deveria ser ultrapassada sem a devida cautela do pesquisador.[4]

A relação entre Memória e História já foi apresentada de forma convincente, por Pierre Nora[5] e não pretendemos apenas repetir o que foi dito, mas explorar as possibilidades advindas com as inovações conceituais e metodológicas, que nos fazem ver que "... a história e a memória como, apesar de distintas, mantendo significativas intersecções."[6]

Com o avanço de uma nova proposta de análise histórica, a partir do surgimento da revista *Annales*, em 1929, que tinha como meta ultrapassar os limites metodológicos deixados pela tradição da chamada "história positivista", durante muito tempo a narrativa histórica foi considerada como resquício de um legado histórico, que devia ser superado. Entretanto, se analisarmos a produção historiográfica, em diferentes momentos de sua trajetória, constata-se a presença contínua da narrativa como forma expressiva de demonstrar o conteúdo estudado.

Nas últimas décadas, com a manifestação de outras propostas metodológicas, como a chamada "Micro-História", surgida na Itália,[7] a narrativa é retomada na produção histórica como uma forma reveladora de compreensão das temáticas selecionadas, desde que seja demonstrada a capacidade analítica do autor dos relatos apresentados.

O nosso propósito de estudar o Seminário da Prainha se apóia numa opção metodológica, voltada à "micro-história urbana", associada à "Memória Social", na tentativa de superar os limites metodológicos

---

[4] JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana***.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. p.27-28.

[5] Cf. NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto e História*, n.10. São Paulo: PUC, 1993. p,7-24.

[6] MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória:* a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1991. p.17-18.

[7] Para melhor compreensão do significado dessa vertente historiográfica, vide LIMA, Henrique Espada, *A Micro-história italiana*: escalas, indícios e singularidades**.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

mantidos, pela tradição acadêmica, que supervalorizava as fontes escritas e limitava a possibilidade de compreensão do histórico do Seminário da Prainha, exclusivamente à História da Educação.

É óbvio que os temas relacionados à referida Instituição se inserem nesse campo de pesquisa, dedicado à Educação, ou mesmo à História Religiosa, mas considerando a viabilidade de compreensão proporcionada pela chamada "interdisciplinaridade" e/ou "transdisciplinaridade," a análise histórica se apresenta mais reveladora, graças ao apoio conceitual de outras áreas das Ciências Humanas, como a Antropologia ou mesmo a Psicologia.[8]

Tal possibilidade não constitui uma negação dos princípios de fundamentação do saber histórico? A nosso ver, o chamado "hibridismo cultural" não é um *habitus* dos tempos pós-modernos, pois ele pode ser detectado na produção de "autores clássicos," tanto em âmbito internacional quanto na produção historiográfica brasileira.[9]

Cientes do alcance revelador da chamada "história oral", realizamos 53 entrevistas, relativas à História do Seminário da Prainha, com dois Arcebispos, alguns Bispos, Reitores, Padres, Sacerdotes que desistiram da vida eclesiástica e se casaram, Ex-Seminaristas, alguns nossos colegas, pois também fui aluno do Seminário, onde ingressei aos onze anos de idade e saí aos dezessete.

Nessa perspectiva metodológica, o objetivo almejado se volta à compreensão de dois momentos especiais da história urbana de Fortaleza, envoltos no histórico do Seminário. O primeiro relaciona-se à instalação dessa Instituição, em 1864, quando o primeiro Bispo do Ceará, D. Luiz Antônio dos Santos, que assumira Diocese de Fortaleza, em 1861,

---

[8] Várias as obras que contêm análises sobre tais conceitos, em caráter introdutório, vide SOUZA, Ielbo M. Lobo de & FOLLMANN, José Ivo. *Transdisciplinaridade e Universidade:* uma proposta em construção. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. Como demonstração da validade de uma aproximação entre Psicologia e Análise Histórica, cf. SANTOS, Nádia Maria Weber. "Capítulo 1: As representações simbólicas e o Inconsciente nas Ciências Humanas". In _____.*Histórias de vidas ausentes:* a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**.** Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005. p.39-71.

[9] Sobre o significado da produção de intelectuais de renome, no campo das Ciências Humanas, seja em âmbito internacional ou mesmo nacional, como Arnold Toynbee e Gilberto Freyre, considerados pioneiros nessa "hibridização", vide BURKE, Peter. *Hibridismo cultural.* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006, em especial p.18-20.

confiou aos padres lazaristas a missão de formar os futuros sacerdotes da Diocese, há pouco implantada em nosso Estado.[10]

Daí por que intitulamos O Seminário como "Outra Fortaleza", situando-o, historicamente, como uma representação da estratégia pastoral da Igreja, para enfrentar a temida "laicização" e a difusão das idéias racionalistas na sociedade da época.

O segundo momento ocorreu em 1963, quando os Padres Lazaristas entregaram a direção do seminário à Arquidiocese de Fortaleza, exatamente quando faltava apenas um ano para as comemorações do seu centenário.

Para adentrar os corredores simbólicos da centenária Instituição, a fonte valiosa foi a narrativa, como forma de expressão da memória social. As narrativas selecionadas associam experiências de vida dos depoentes, memórias individuais, às ações sociais partilhadas em comunidades, memória social, relativas ao período de internato por que passaram os depoentes selecionados.

O critério de escolha desses não se deveu apenas à oportunidade e possibilidade de entrevistá-los, mas os selecionamos considerando a época, em que foram internos. Portanto, o fator idade serviu de parâmetro para listar três tipos de depoentes: 1. Ex-Reitores ou Professores do Seminário, alguns deles Arcebispos ou Bispos; 2. Padres e "Ex-padres" [esta última denominação não aceita por muitos padres, pois eles permanecem *sacerdos in aeternum*...], com 70 ou mais anos; 3. Ex-seminaristas, na minha faixa de idade, de 50 anos em diante.

---

[10] Dos poucos trabalhos publicados sobre o Seminário, destacamos: ANDRADE, F.Alves de. O Seminário de Fortaleza e a Cultura Cearense. *Revista do Instituto do Ceará,* t.XXXIX, ano XXXIX, Ed. do Instituto do Ceará, 1967; LIMA, Francisco. *O Seminário da Prainha*. Fortaleza: BNB, 1982. Na produção acadêmica, cf. COSTA FILHO, Luiz Moreira da. *A Inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na Romanização do Ceará. (1864-1912).* Fortaleza, 2004. Dissertação de Mestrado. Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e um artigo, de nossa autoria: JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Na trilha das fontes, Relativas ao Seminário da Prainha, a Descoberta das Dimensões da Oralidade in *Humanidades e Ciências Sociais,* vol.2, n.2, 2000. p. 35-42. A respeito da ação da Igreja Católica do Ceará e sobre o processo de "romanização," vide REIS, Edilberto Cavalcante. *Pro Animarum Salute:* a Diocese do Ceará como "vitrine da romanização no Brasil.(1853-1912). Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. PINHEIRO, Francisco José. O Processo de Romanização do Ceará. In: SOUSA, Simone (Coord.) *História do Ceará.* Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações,1989.

A narrativa, como é do conhecimento geral, sempre acompanhou a produção histórica, embora nem sempre tenha sido reconhecida como importante. Graças à procura de "novas abordagens", a dimensão da narrativa foi redescoberta a partir das últimas décadas do século passado. Dessa forma, a força da oralidade se afigura como um canal transmissor de preciosas informações, não apenas complementares, mas que revelam aspectos nem sempre contidos nas fontes escritas. Através, além da simples informação transmitida, brota algo do "inconsciente individual" ou mesmo do "inconsciente coletivo". [11]

De forma pragmática, a sutileza da narrativa nos remete a informes reveladores de aspectos ao mais das vezes esquecidos ou silenciados pelos autores de obras escritas, elaboradas com todo esmero, sempre manifesto por profissionais da história. Mas a possibilidade de mergulhar no fluxo da história, sem a intenção de desmerecer as fontes escritas, torna-se mais dinâmica através do conteúdo coletado ao longo das entrevistas, pois a narrativa, além de informar sobre a experiência individual do depoente, nos remete à ação coletiva, a uma história plural. O "renascimento da narrativa" veio suprir o reducionismo e o determinismo de proposições, que fluíam do esmero acadêmico em fundamentar teoricamente a análise histórica.[12]

3 A revelação parcial de alguns dos vários depoimentos coletados

Ao longo das entrevistas realizadas, muitas das referências apresentadas me faziam pensar nas lembranças pessoais, sobre a minha estada no Seminário da Prainha, que sempre me acompanhou ao longo dos anos. Diferentes momentos indicados ou comentados me faziam pensar nas experiências vividas no cotidiano do sistema de internato.

É bem verdade que sempre há algo comum nos diversos informes das entrevistas, embora permaneça, em cada uma delas, a marca das

---

[11] Vide JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, e, em especial, o capítulo "Confronto com o Inconsciente". p.205-237.

[12] Vide BURKE, Peter. A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In:___ *A escrita da História:* novas perspectivas**.** São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 332 e 339.

observações pessoais de cada um dos entrevistados. O que para alguns possuía um significado especial, para outros adquiria um sentido diferente, revelando o filtro da subjetividade que dá uma conotação peculiar à maneira de observar a ação relembrada.

Como exemplo das contradições observadas, me vem à mente à ação dos Padres Lazaristas, responsáveis durante quase um século pela direção do Seminário, ou mesmo dos Padres seculares que participavam das atividades docentes. Para muitos dos depoentes, as referências apresentadas sobre eles expressam, além do senso de responsabilidade, o rigor disciplinar, a severa vigilância dispensada aos que lhes eram confiados.

Na opinião do Professor Luiz Dias Rodrigues, o Luizito,

> Gostei muito dos Lazaristas. Havia muita gente boa, como o Padre Tomé Verman, uma das melhores recordações. Competente, culto. O próprio Padre Paulo Almeida, que era disciplinário, que o pessoal achava assim meio rígido, mas eu me dava bem com ele. Gostava muito dele, que gostava muito de música, sabia muita música.[13]

Para o Professor Francisco Camelo Nogueira,

> Os professores do Seminário eram os Padres Lazaristas. Uma Ordem fundada por São Vicente de Paula para formar seminaristas, preparados para o sacerdócio e entre eles havia alguns holandeses, como o Padre Tomé Verman. Além dos holandeses, havia um francês, o padre Pierre Zinguerlet. A grande maioria eram professores. O Padre Gumercindo Sampaio, professor de latim, mas muito duro, muito duro. Dava aula com um palitinho na boca, mordia assim o palito na ponta... mas brincava muito com os morenos. Segundo ele, "Nego em pé é um toco, deitado é um coxo! " Coxo de botar comida para porco.Se fosse hoje ele ia ser preso...Pois bem, dos Lazaristas havia dois aqui do Ceará... o Padre Luz, o grande... Foi Diretor do curso de Letras, na Federal, naquele tempo era curso, naquele tempo ainda não havia o centro de Humanidades. Eu fiz Letras na Federal e quando entrei o Diretor era o Padre Luz. Além do Padre Luz, havia outro lazarista cearense, o Padre Arruda, de Baturité. O comendador Arruda era tio dele..ou parente próximo. Os outros lazaristas eram todos mineiros, formados no Seminário do Caraça. Havia também alguns padres

[13] Entrevista realizada com o Professor Luiz Dias Rodrigues, "o Luizito", em 25 nov. 2006.

> diocesanos, como o Padre José Nilson, que ainda hoje é vigário do Mucuripe. Era professor de português...o pessoal hoje condena que eles não tinham metodologia, mas eles faziam o que podiam...Sim, o Padre Tomé era um grande historiador. Você chegou a conhecer o Padre Tomé? Padre Tomé, história da igreja, história universal: - "Nasce Roma, nasce Cartago, cresce Roma, cresce Cartago. Essas duas potências chocar-se-ão."[14]

Ao longo dos depoimentos, percebe-se que a maioria dos ex-alunos do Seminário o reconhece como um modelo de Instituição Educacional, não apenas no Ceará, mas em âmbito regional. Tal reconhecimento é plausível, pois até meados do século passado, poucos eram os Colégios Públicos, inclusive em Fortaleza, como o tradicional Liceu. Portanto, estudar era privilégio dos filhos de "conceituadas famílias", pois poucos eram os que podiam arcar com as despesas de manutenção de um filho, longe do domicílio, numa época em que a maioria da população ainda se concentrava nas cidades ou fazendas do interior.

Por isso, estudar no Seminário era garantia de um futuro profissional, fosse como sacerdote, ou em outras funções de destaque, como professor ou funcionário público federal ou do Banco do Brasil, privilégio de poucos. A linguagem popular bem traduzia "a lei da compensação", usufruída por pais de famílias, que tinham a chance de ter um filho no Banco do Brasil (BB), era "bem-aventurado quem não tinha dinheiro, mas podia depositar um filho no BB."

Mesmo que a auréola modelar**,** atribuída ao Seminário, se configurasse como expressão do senso comum, na maioria das entrevistas, também observamos, em algumas delas, comentários críticos a respeito das limitações, presentes nas atividades repressivas do sistema disciplinar adotado na Prainha.

Para o Professor Lauro Nogueira Sá Mota,

> O regime de internato, para mim, foi uma coisa muito dura. Eu era muito apegado a minha mãe, a minha família e ser separado, assim de repente, causou um impacto muito grande em mim. De modo que sofri muito, chorava muito no Seminário, nos primeiros dias, saudades de casa...Houve uma época em que eu quase não agüentava a

[14] Entrevista concedida pelo Professor Francisco Camelo Nogueira.

> saudade de casa. Mas, lentamente no ambiente do seminário a gente foi se acostumando, foi se amoldando e isso foi sendo superado. A gente tinha tudo no Seminário, não faltava nada. De modo que, de certa maneira havia um ambiente para acomodação.

E acrescenta:

> Bem, o Seminário era uma casa em regime fechado. Então, praticamente a gente vivia para fazer duas coisas: estudar e rezar e nas horas vagas um pouco de lazer, um lazer também só interno, sem muitos atrativos, aliás, a própria época não permitia muito isso. ... Para mim, essa disciplina era terrível, eu me sentia realmente muito preso. Tinha que acordar cedinho todo dia. Eu tinha ódio a acordar de madrugadas, às cinco, cinco e trinta, da manhã. Depois, passar duas horas rezando na Igreja. A gente ia fazer a oração da manhã, rezava o terço, assistia missa, tinha mais um tempo de ação de graça e só depois é que ia tomar o café. Eu passava o tempo mais só pensando na hora de tomar o café, uma fome danada, em jejum ainda. De modo que, realmente, para quem era menino, um menino que ainda estava abrindo-se para a vida e querendo se divertir, brincar, uma disciplina rígida dessa era realmente muito pesada, era odiosa. Eu acho que a grande falha daquela educação era nivelar adulto e criança com a mesma disciplina. Todos eram iguais, todo mundo se levantava na mesma hora, deitava na mesma hora, tinha as mesmas obrigações. De modo que eu acho que isso era uma coisa muito pesada era uma agressão a nossa infância. Praticamente eu perdi a minha infância.[15]

As razões do ingresso de várias crianças, no Seminário, em sua maioria são explicadas como provenientes da influência recebida, através da ação pastoral de vigários, na sede das paróquias sob suas responsabilidades ou mesmo em capelas, a elas subordinadas. A catequese, etapa preparatória para o recebimento da primeira comunhão, é considerada uma data significativa, preservada na memória, que remonta à primeira década existencial.

Entretanto, se analisarmos com atenção as informações disponíveis, tão forte quanto à marca deixada pelos párocos, no cotidiano infantil, foi a influência exercida pela mãe, pois foi ela que determinou muitas das

[15] Entrevista com o Professor Lauro Nogueira Sá Mota, realizada em 16 de mar. 2000.

escolhas dos filhos, pela vida sacerdotal. A proteção materna, estratégica na vigilância da formação dos filhos, divisava na carreira sacerdotal uma oportunidade de manter a pureza infantil dos "chamados por Deus", como uma dádiva, capaz de superar a "depravação dos costumes", expressão definidora do receio constante de enfrentar a insegurança presente nas relações sociais.

Embora o critério de escolha do "eleito" variasse, de família a família, sempre a ação materna pesava, muitas vezes com o apoio paterno, na garantia de propiciar ao filho indicado uma vida dedicada à ação redentora dos "poucos escolhidos, entre os muitos convocados". Observe-se a justificativa apresentada pelo Professor João Salmito Neto:

> Eu morava no interior, em São Benedito, meus pais eram muito religiosos, iam à missa quase todo dia, rezavam o terço diariamente e eu fiquei, assim, muito encantado, pensando na vida religiosa e pensei em ser padre; foi isso, foi a vivência religiosa da família. Meu pai era muito caridoso. Aos domingos eu ía à missa com ele, depois da missa a gente ia visitar as velhinhas, deixar uma esmola, deixar uma sopa, ia à cadeia, na prática com obras de misericórdia, porque ele era um católico muito praticante, então me influenciou muito.[16]

Para explicar o fator determinante do seu ingresso no Seminário, o Professor Raimundo de Assis Holanda ressalta a formação religiosa de seus pais, mas o passo decisivo foi dado graças ao amparo materno:

> Lá em casa a gente tinha o hábito de ir à missa, embora a missa nessa época, em Pindoretama, era só uma vez no mês. Nos segundos domingos de cada mês. Depois foi sendo mais freqüente, mas na Igrejinha todas as noites havia o terço e eu sempre gostava de participar desses momentos e também uns primos meus, que já estavam no Seminário. Isso me foi dando interesse de ingressar no Seminário. Embora meu pai não quisesse que eu ingressasse no Seminário, minha mãe me incentivou e eu mesmo quis. Eu lembro o momento em que eu chorei, porque papai disse que eu não ia para o Seminário, mas realmente eu queria ingressar no Seminário...

Talvez essa reação paterna, em não incentivar o desejo de um filho de ingressar no sistema de formação eclesiástica, tivesse as suas razões

[16] Entrevista realizada com o Professor João Salmito Neto, em 08 de nov. 2006.

no receio de perder um possível apoio nas suas atividades profissionais, das quais retirava o seu sustento. Afinal, um filho homem simbolizava a garantia de continuidade do trabalho paterno, e a perpetuação da ascendência familiar, inclusive configurada na manutenção do nome familiar, pois o espaço reservado às filhas restringia-se às atividades domésticas. Conforme o Padre José Nilson,

> De princípio meu pai fez restrição, mas quando ele viu que eu tinha a idéia fixa, afirmou: "Está certo, você vai, só peço uma coisa, seja um padre sério. É isso apenas que eu quero". E eu procurei a minha vida toda cumprir a orientação, o conselho dele. Tanto ele quanto minha mãe me davam apoio. E penso que, na medida do possível, eu cumpri a promessa que eu fiz a eles.

Embora a maioria dos entrevistados indicasse o peso da influência familiar ou do vigário na tomada de decisão ao ingresso no Seminário, pelo menos um dos depoentes apresentou uma causa diferente, gerada pelas circunstâncias familiares, embora ele tenha assumido, de forma espontânea, a possibilidade de dedicar-se ao sacerdócio. Anos depois, mesmo com a desistência de muitos dos seus colegas de Seminário, das funções eclesiásticas, e permaneceu como padre, apesar das mudanças registradas na Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II. Apesar dos novos rumos pastorais, tomados pela Santa Sé, a partir de João Paulo II, considerado moderno nas suas constantes apresentações públicas e na sua maneira de falar, consagrada nas comunicações apresentadas pela televisão, mas avesso a muitas das proposições inovadoras, adotadas pelo clero, antes do seu pontificado, ele continua dedicado ao sacerdócio. Segundo Ele, Padre Albani Linhares: *O que me levou ao seminário? Meu pai não tinha dinheiro para eu estudar e o negócio era botar no Seminário, porque ia estudar de graça.*

Se fôssemos utilizar todas as entrevistas efetuadas, ao longo da pesquisa que se estendeu num período de doze meses, ou pelo menos explorar a maioria delas, vários seriam os temas revelados, que muitas vezes se entrelaçam pelo teor do conteúdo transmitido. São informações sobre as condições de vida em um internato, reveladoras desde as modalidades de ensino, que variavam em cada período letivo ou mesmo de professor a professor, ao habitual horário reservado à preparação das aulas e aos exercícios programados.

Dessas atividades escolares, no primeiro ano ginasial, a mais incômoda era a elaboração das "cópias" impostas pelo Pe. Gumercindo Sampaio, nas suas exigências de memorização das regras gramaticais do Latim, do saber declinar corretamente *qui, quae, quod,* o futuro do pretérito de algum verbo irregular ou ainda para sanar os erros imponderados na escrita de palavras da "Língua Mater". Quem errasse na resposta a qualquer uma das perguntas, que o "Magister" do latim dirigia aos alunos, nas temidas aulas, esse estaria sujeito a escrever trinta ou mais cópias, dependendo do estado de espírito do exigente Mestre. E quando ele observa a imponência de um aluno, que trazia um dicionário para a sala de aula, na busca de um reconhecimento do professor, a reação expressava o seu modo irônico de comentar acerca das banalidades cotidianas: "quanto maior a carga, maior o burro".

A permanência no salão de estudo, também conhecido como "o silêncio," onde se preenchia o tempo anterior e equivalente a cada aula, ou seja, duas vezes pela manhã e duas à tarde, pois eram ministradas duas aulas no período matutino e duas no vespertino. Ainda havia o horário noturno, após o recreio, quando o sono pesava mais que o conteúdo das leituras recomendadas pelo professor de português ou de outra disciplina, que exigisse o "decoreba". Os passos vagarosos de um "colega regente", por entre as "carteiras de estudo", como responsável pela manutenção da disciplina, decisiva na nota de comportamento, que pesava no boletim final de cada semestre. E nota baixa em comportamento era tão perigosa quanto uma reprovação em latim ou português: "levar bomba em alguma disciplina" tornava o aluno em réu, sujeito a chacotas, além da humilhação pública, registrada quando da leitura das notas semestrais feitas pelo "Padre Prefeito"[17] em uma mesa instalada no chamado "palco do recreio" ante um público atento, composto pelos colegas alunos ou mesmo alguns dos professores.

[17] O Padre Reitor, responsável pela direção do Seminário, contava com o apoio de dois auxiliares diretos, o "Padre Prefeito do Maior", envolvendo os alunos dos cursos de Teologia e de Filosofia e o "Padre Prefeito do Menor", responsável pelos alunos do primeiro ao sexto anos e que tinha como seus auxiliares diretos os "regente", seminaristas indicados pela vigilância disciplinar e pela condução das "filas", destinadas a qualquer atividade programada: a missa, na capela, o roteiro do recreio ao salão de estudos ou ao refeitório, etc...

O chamado "Seminário Menor", de seis anos de duração - quatro equivalentes ao antigo curso ginasial e mais dois, o quinto e sexto anos, que por sinal não correspondiam à duração dos Cursos Científicos ou Clássicos, ministrados nos colégios laicos – era dividido em "Grandes" e "Menores." Sendo a idade o critério dessa divisão estabelecida, quase nada mudava, no regime disciplinar, apenas parte dos espaços ocupados pelos seus componentes eram divididos: o dormitório, o galpão de recreio e o salão de estudos. Os demais espaços, como a Capela ou mesmo o Refeitório, todos abrigava, havendo apenas uma divisória estabelecida, sem fronteiras fixas, mas apenas determinadas pelas recomendações anunciadas e mantidas pelas vigilâncias constantes.

Explicar a instalação do Seminário da Prainha não constituiu uma tarefa difícil, pois a longa duração do processo histórico e a intensa produção historiográfica sobre o significado do século XIX, no "processo civilizador", já nos foi revelado, não apenas no campo historiográfico, mas em diferentes canteiros das ciências humanas, como na Sociologia, na Antropologia e na Filosofia. E cada vez mais as interpretações históricas se apropriam de conceitos provenientes de outros campos do saber, tornando viável a sonhada "interdisciplinaridade", expressa na própria produção divulgada que nos remete a viabilidade de uma perspectiva maior, revelada na "transdisciplinaridade"

Entretanto, o pano de fundo do tópico final do meu trabalho, sobre a Prainha, ainda se me afigura nebuloso, pois se fácil foi coletar as explicações acerca da instalação de uma outra Fortaleza, a procura de argumentos convincentes acerca do declínio da Instituição como grande templo educacional do Ceará me deixa circundado por várias indagações: o que teria determinado a saída dos Lazaristas da direção dessa Instituição?

À primeira vista uma resposta fácil de ser apontada se apóia no reconhecimento consensual das mudanças provenientes das decisões do Vaticano II. Mas outras razões se afiguram na análise histórica, afinal não é somente um evento que provoca rupturas súbitas ou inesperadas na dinâmica das mudanças registradas. É bem verdade que os anos sessenta foram consagrados, como uma década de "rebeldia e contestação." Indicativas mudanças comportamentais repercutiram em diferentes países, como reflexos da eclosão da "contracultura", configurada na Era de

Aquarius ou na Nação Woodstock". E principalmente o maio de 1968 foi concebido como "... um dos derradeiros suspiros da modernidade e os primeiros passos do que se chamou pós-moderno."[18]

Entretanto, o pano de fundo sociocultural do Nordeste brasileiro se constituía apenas como uma projeção dos cenários europeu ou norte-americano? Se a modernidade do pós-guerra ultrapassara a fronteira do atlântico, a chamada pós-modernidade tornava-se evidente numa região, onde apenas as propostas modernizadoras da Sudene davam seus primeiros passos? A proclamação do sonho da indústria, como consolidação do progresso, em alto e bom tom, se fazia ouvir nos discursos políticos dos principais líderes ou nos efusivos falatórios em vésperas de eleição. Mas o velho modelo persistia na paisagem urbana, em muitos dos hábitos e costumes de ver e agir e nas manifestações culturais, dentro e fora das academias.

Uma análise retrospectiva sobre o curso da história nos revela, por trás das barreiras simbólicas, incrustadas no fosso ideológico das tradições explicativas, espontâneas ou institucionais, muitas vezes simplistas, que as mudanças, os reflexos das transformações históricas, não são frutos de eclosões momentâneas, mas emergem de tempos anteriores.

A própria idéia de modernidade, muitas vezes centrada na contemporaneidade, ultrapassa tal limitação cronológica, remetendo-nos a épocas anteriores. Nessa perspectiva, uma compreensão das vias e desvios da trajetória histórica, à luz da interpretação filosófica, emana de profissionais da Filosofia, que indicam e diferenciam experiências humanas, aproximativas do ontem ao hoje, que não podem ser desconectadas.

Nessa perspectiva, fica explícito que "o fim do teológico-ético," "a humanização ou a laicização da própria religião," enfim, a chamada "descristianização," embora consolidada nos dias atuais, remonta a épocas anteriores e abalam a manutenção dos dogmatismos.[19]

É certo que no início dos anos sessenta, as experiências de ensino e de formação, moldadas no Seminário da Prainha, ainda se atrelavam a

---

[18] Cf. TOURRAINE, Alain apud PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60:* rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Editora Ática, 1992, p.30.

[19] Cf. FERRY, Luc. *O Homem Deus, ou, o Sentido da Vida.* Rio de Janeiro: DIFEL, 2007. Segundo o autor, "Desde Nietzsche, ou mesmo desde a filosofia das 'Luzes', com sua crítica da superstição, quantidade de análises consideraram o nascimento do universo democrático efeito de uma ruptura com a religião" (p.32).

uma velha estrutura ética e disciplinar, cujas raízes remontam ao Concílio de Trento. Entretanto, a insatisfação surgida entre os seminaristas do Maior e também do Menor, o desejo de substituir o velho pelo novo, na ânsia de romper com o passado, mais do que um reflexo das mudanças externas não seria um prenúncio do declínio de um velho modelo educacional, uma implosão do legado "tridentino?" A busca dessa explicação nos estimula a aprofundar nossa proposta de estudo sobre o velho casarão da Prainha, "uma outra Fortaleza".